



Mídia & Cidadania:
Websites de Templos Afro-religiosos como ferramenta de combate à Intolerância¹

Janaina Leite de Azevedo CORRAL¹

Indie House – República Criativa, Bauru, SP

RESUMO

A falta de informação é um dos principais alicerces da Intolerância Religiosa, e dada a natureza iniciática e endogênica das religiões afro-brasileiras, a Umbanda e as religiões de matriz africana são, com frequência, vítimas de tal intolerância motivada, em especial, pelo medo do desconhecido, gerado pela falta de informação e pelos mitos alimentados a partir de suposições e especulações acerca da ritualística, das crenças e das práticas. Por isso, nos anos de 2010, 2011 e 2012, fui responsável por ministrar uma série de oficinas a sacerdotes de Templos de Umbanda vinculados às associações Primado de Umbanda (São Paulo, SP) e Filhos de Aruanda (São Vicente, SP), explicando como a criação e a manutenção de websites que esclarecessem a respeito do funcionamento dos templos, de sua ritualística, dos princípios fundamentais e das práticas sociais podiam, não só, fortalecer os vínculos entre o templo e a comunidade, como servir de ferramenta contra a intolerância religiosa a fim de esclarecer o público, de maneira geral, e informar acerca do trabalho social de cada templo.

PALAVRAS-CHAVE: Intolerância Religiosa, Websites, Resistência, Cidadania, Mídia.

Introdução

Dentre as mais diversas crenças religiosas professadas no Brasil, a Umbanda e as demais religiões de matriz africana são as que, hoje, sofrem maiores e mais constantes ataques de outras vertentes religiosas, especialmente de igrejas neopentecostais com ascendente poder político-social. Nesse contexto, a mudança do panorama religioso brasileiro fez ascender a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), encabeçando um grupo bastante truculento de igrejas que elegeram as religiões de matriz africana como seu principal inimigo.

O Brasil conheceu durante o século XX uma metamorfose da sua paisagem religiosa. Deslocando sensivelmente as rivalidades, esta situação faz nascerem confrontações entre religiões. A Salvador de Bahia, conflitos inscrevem-se no imaginário simbólico de movimentos religiosos neopentecostais que seguem a “Teologia da Batalha Espiritual”. Nasce da Igreja Universal do Reino de Deus acusações de bruxaria para com o Candomblé, seguindo sua missão principal “de cruzada contra o diabo”. (PÉCHINÉ, 2011, p.1)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

¹ Profissional da Área de Linguística & Mídia, email: janaina.azevedo@gmail.com



Alguns dos recursos retóricos mais utilizados para difamação das religiões de Matriz Africana, no âmbito de tais conflitos, calcam-se na desinformação e na ausência de diretrizes escritas que possam ser divulgadas e, abertamente, denominar e apontar os dogmas, valores e ritualística de tais religiões.

O Candomblé e a Umbanda, são, por excelência, religiões iniciáticas e endogênicas, assim, para frequentar os ritos e cultos e ter acesso a todos os rituais, é necessário passar por ritos de iniciação, que o tornam apto a ser um membro daquela comunidade religiosa, e, para tomar parte em uma Casa, em geral, é necessário pertencer à comunidade sobre a qual aquela casa se fundamentou, ou ser apresentado e introduzido por membro iniciado e confiável do grupo. Os conhecimentos são passados, não de forma escrita, mas pela Tradição Oral, pelos cantos, danças, *orikis* (orações de invocação aos deuses), entre outros. Falando especificamente sobre a Umbanda, a grande variedade de ritos e cultos, de performances da liturgia, e mesmo de dogmas faz com que a propagação de informações mal direcionadas e mal intencionadas, seja cada vez maior, tornando a religião um alvo recorrente para os ataques de Intolerância Religiosa.

Essa prática religiosa tem fundamentos doutrinários bem distintos, embora uma grande parte dos rituais possa variar de Templo para Templo, de Casa para Casa, alguns preceitos são fundamentais e encontrados na maioria dos lugares, o que faz com que possamos generalizar, com certa ressalva e cuidado, para todas as formas de Umbanda. (CORRAL, 2008, p. 15)

Afim de desmistificar as falsas mitologias propagadas pelas igrejas neopentecostais como a IURD, além das medidas jurídicas, cabem outras iniciativas que partem da própria comunidade religiosa, e dentre elas, está a disseminação do conhecimento elementar a respeito das práticas e dogmas da Umbanda, do Templo religioso enquanto comunidade e mesmo da ritualística, a fim de desconstruir o preconceito e a intolerância e combater a perseguição religiosa.

Considerando-se que a esfera social consiste, ao mesmo, de produto e o espaço de confronto em que se encenam tais lutas simbólicas, o conhecimento e o reconhecimento da legitimidade, a imposição de uma representação vantajosa das religiões de Matriz Africana depende da capacidade de desmistificar as construções realizadas a revelia dos grupos religiosos que integram tais religiões.

Em oficinas ofertadas em eventos diversos, promovidos principalmente por Associações de Templos Religiosos, como o Primado de Umbanda do Brasil (São Paulo, SP)

e a Associação Filhos de Aruanda,(São Vicente, SP) ao longo dos anos de 2010 e 2012, apresentei como as estratégias viáveis de imposição de legítimos os princípios de construção da realidade social mais favorável ao ser social individual e coletivo da Umbanda e dos Umbandistas, a Internet, suas linguagens, e em especial, a construção de websites valendo-se de ferramentas de blog / difusão de conteúdo como *Blogger* e *Wordpress*. Tal estratégia também promove considerável acumulação de um capital simbólico de reconhecimento e de conhecimento. Estas lutas se desenrolam ao mesmo tempo na ordem da existência diária e dentro da religião religiosa, mas uma vez transportadas para dentro do ambiente digital, elas o acesso a uma informação, é o mesmo que a outra, equilibrando a disputa e trazendo luz às disputas calcadas em informações difamatórias, intolerantes ou preconceituosas.

O intuito desse relato é descrever a experiência que tive nestas oficinas, dentro do contexto supracitado, e seus desdobramentos em termos de comunicação, de forma qualitativa.²

Apresentando uma Proposta de Comunicação a Templos Religiosos

As Oficinas foram oferecidas originalmente, em 3 eventos no ano de 2010, com conteúdo diferente em cada uma delas, e depois reproduzidas em outras regiões do Brasil: a *Tarde de Umbanda*, na extinta Livraria Sandice, em São Paulo – SP, em 17 de julho de 2010; *Encontro de Sacerdotes do Primado de Umbanda do Brasil*, em São Paulo – SP, em 29 de agosto de 2010; e, após uma remodelação e atualização que passou a incluir redes sociais como o Facebook e o Twitter, foi apresentada também no *IV Seminário de Umbanda de São Vicente*, em São Vicente – SP, em 15 de novembro de 2012.



Oficina no Encontro de Sacerdotes de Umbanda do Brasil, em São Paulo – SP, dia 29 de agosto de 2010.

Após a apresentação da argumentação, juntos aos sacerdotes dirigentes dos Templos, acerca da importância da difusão do conhecimento sobre a Umbanda e suas práticas, a primeira fase das Oficinas foi apresentar as ferramentas, a saber o *Blogger* e o *Wordpress*. Tais ferramentas foram escolhidas por conta de sua gratuidade, por estarem disponíveis em

² Os dados quantitativos, embora disponíveis, não constituem um panorama concreto, e precisar-se-ia de maior análise e mais *corpora* afim de poder proceder a uma análise mais aprofundada neste âmbito.



vernáculo, por contarem com uma estrutura de simples personalização e, também, por serem de fácil utilização e desenvolvimento, quer para usuários iniciantes, quanto avançados.

Em seguida, foi apresentada uma proposta de organização de conteúdo, entre Páginas com Conteúdo Fixo (apresentação e histórico do Templo / Casa; diretrizes do Templo; corpo dirigente e frequentadores; contatos gerais); Páginas com Conteúdo de Baixo Índice de Atualização (calendário anual, agenda de encontros litúrgicos ou “giras”, por exemplo) e Postagens de Notícias (conteúdo dinâmico e reprodução de notícias de interesse público.

Com a atualização do conteúdo das oficinas em 2012, foram inseridas questões pertinentes à montagem de Fanpages no Facebook – que apresentam maior difusão da informação por meio da ferramenta de compartilhamento – e à atualização constante do Twitter, criando-se contas pertinentes aos Templos, e não somente às pessoas que os frequentam.

Considerações & Resultados

Durante a realização das Oficinas, pudemos perceber que, especialmente por parte dos sacerdotes mais velhos, houve grande resistência às propostas apresentadas – para estes, mais do que uma limitação técnica, os preceitos dos chamados *kaorôs* (segredos de religião que só podem ser abertos às pessoas iniciadas) consistiam de grandes empecilhos práticos para permitir a implementação de websites que difundissem conteúdos, fotografias, vídeos e afins a respeito de seus templos.

A baixa escolaridade entre os membros dos templos – inclusos dirigentes e filiados – também constituiu grave empecilho à implementação das técnicas apresentadas. Por conta da baixa escolaridade, faltava arcabouço técnico para a manipulação e o trato com as estruturas da internet, e também para a produção de conteúdo de qualidade.

Os Templos que implementaram a ideia seguiram como parâmetro de conteúdo modelos já estabelecidos como os das revistas *Orixás*, *Revista Espírita de Umbanda* e *Candomblés*, que, por um lado promoviam o colunismo social dentro da religião, valorizando as personalidades da mesma, e por outro, acabavam apresentando conteúdo específico demais no que se referia a ritualística, dogmas, práticas e interação social e comunitária, sendo de difícil acesso e compreensão ao não frequentador.



Revistas Candoblés, Espirita de Umbanda e Orixás – Colonismo Social Religioso

Por outro lado, percebemos que as associações que abraçaram as propostas apresentadas em tais oficinas não só foram bem sucedidas ao implementar muitas das práticas sugeridas em seus próprios websites, remodelando-os e adequando-os para tais fins, como por meio disso obtiveram uma aceitação mais enfática do público não-umbandista, tornaram-se mais relevantes e militantes no ciberativismo contra a Intolerância Religiosa e puderam, assim promover maiores debates acerca de tais questões. A cobertura de festas e eventos passou a ter um caráter mais comunitário e menos de colonismo social. As personalidades passaram a ser divulgadas e valorizadas por ser seus feitos e colaboração com os trabalhos sociais, difusão do conhecimento e combate ao preconceito e à intolerância, do que pelos eventos que promoviam.

Neste sentido, as práticas aplicadas serviram bem ao propósito de Combate à Intolerância Religiosa, pois a voz da Umbanda começou a contrapor a voz da IURD, e demais neopentecostais, em um terreno antes por eles dominado. Ou seja, com uma presença mais robusta nas redes sociais e na Internet como um todo, pudemos perceber que, antes atacados sem direito de resposta, os umbandistas não só passaram a fazer valer a própria voz, como tomaram o poder angariar provas acerca das agressões e dos discursos disseminados contra eles na Internet, o que propiciou, ainda, grandes vitórias jurídicas contra a Intolerância e o Preconceito.



Referências Bibliográficas

CORRAL, Janaina L. A. – **Tudo que você precisa saber sobre Umbanda – Volume 1.** Universo dos Livros, São Paulo, 2008.

PÉCHINÉ, Serge - **Intolerância Religiosa em Salvador da Bahia - o vis-à-vis entre as Igrejas Neopentecostais e as religiões de Matriz Africana.** In: IX CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DIVERSIDADES E DESIGUALDADES, 2011, Salvador: UFBA - PAF I e II. Anais... Salvador: UFBA, 2011.

BRAGA, Julio. **Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia.** Salvador, Bahia: EDUFBA, 1995. Jornal Extra, 15 de março de 2008. Fala Egbé (Informativo do Projeto Egbé / Koinonia) agosto de 2008

MARIZ, Cecília L. **A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia.** Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>

ORO, Ari P. **O neopentecostalismo macumbeiro.** Revista USP, São Paulo, v. 68, p. 319-332, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/68/27-ari-oro.pdf>

LUI, Janayna de Alencar, **Os Rumos da Intolerância Religiosa no Brasil,** In: *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.* Vagner Gonçalves da (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, 328pp